



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Cabelo, Cabeleira, Cabeluda, Descabelada: A importância do cabelo na construção da identidade da raça negra.

Ana Lucia da Ressurreição Santos¹, Milena Barbosa Conceição², Dyane Brito³.

Resumo:

Este artigo tem como objetivo fomentar a discussão das pessoas em relação à história, importância e significado dos cabelos no tocante a construção da identidade humana, principalmente da identidade negra, pois, pouco se fala sobre a sua representação, assim como, o que cada estilo deseja passar para a sociedade, como o indivíduo se vê, e como ele é visto por ela a partir da opção do estilo de cabelo adotado. O corpo humano constitui uma maneira de expressar a trajetória de vida de cada um, culminando em sua história através de suas escolhas, podendo estas serem diagnosticadas através das vestes, do modo de andar, de falar assim como, o estilo do cabelo, constituindo desta forma, uma maneira de expressar suas opções culturais, sociais e políticas. Podemos dizer que o corpo é construído socialmente, biologicamente e simbolicamente dentro da cultura e da história à qual o indivíduo está inserido.

Palavras-chave: Importância, cabelo, identidade, cultura.

¹ Discente do curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Centro de Formação de Professores. analu.001@hotmail.com, 43 anos, Feminino, Rua Heraldo Tinoco, 220, Lot. Ad. Menezes, Centro, Sapeaçu-BA, 44530-000, 75-3627-2824, Educação e Cultura.

² Discente do curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Centro de Formação de Professores. milenabarbosa43@hotmail.com, 19 anos, Feminino, Rua Heraldo Tinoco, 220, Lot. Ad. Menezes, Centro, Sapeaçu-BA, 44530-000, 75-3627-2824, Educação e Cultura.

³ Docente do curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Centro de Formação de Professores. dyanereis@gmail.com, Feminino, Rua Nestor Pita, 535, Centro Amargosa-BA. Orientadora. Educação e Cultura.

Introdução:

Desde os tempos mais antigos os cabelos representam um elemento fundamental da personalidade humana, sustentáculo da beleza, do fascínio, da sedução e, às vezes, até mesmo do poder e da força. Nos dias atuais, conserva ainda um profundo valor simbólico, como preservação de cultura, e resistência. Os cabelos são um meio de expressão real e, sabendo-os ler, podem revelar até mesmo aquilo que às vezes queremos esconder como a nossa idade, a etnia à qual pertencemos, o nosso credo político ou nosso grau de instrução. Através do cabelo podemos transmitir mensagens, emoções e opiniões. Partindo destes princípios, os estilos de cabelos são utilizados para diversos fins, sejam eles para protestar, como foi o caso dos anos 50, quando as mulheres foram inspiradas a ficarem parecidas com os homens, para lutar por uma postura social e política mais definida, assim como, o estilo black power, utilizado pelos homens em referência ao Movimento de Grupo Negros nos EUA, que ganhou o mundo e ditou moda. Outro estilo que condiciona diversos adeptos desde homens a mulheres, é o *dreadlock* que se tornou mundialmente famoso com o movimento rastafari, que consiste em bolos cilíndricos de cabelo que aparentam "cordas" pendendo do topo da cabeça, o termo mais comum designado para este estilo é *rastas*. Talvez por fugir drasticamente dos padrões de beleza adotados pela maioria da população, o usuário de Dreads sofre imenso preconceito na maioria dos países, assim como severos problemas para conseguir emprego, e quando o trabalho exige relação direta com o cliente é mais difícil ainda conseguir a vaga.

Esta situação em alguns casos já se encontra tão normatizada pela sociedade, que em algumas empresas, independente da capacidade profissional que o candidato negro possua ele é dispensado, por conta de sua estética, ou seja, o modo do seu cabelo. Em um evento no município de Cachoeira no Recôncavo Baiano, a brilhante palestrante Vilma Reis, relatou um fato semelhante a este, ocorrido com uma conhecida, que, após ser selecionada em uma empresa, tomou conhecimento por seu superior que, para ocupar o cargo ela teria que alisar os cabelos, que são Black. Diante da imposição, a candidata resolveu abrir mão da vaga.

Hoje, a jovem trabalha em uma empresa de grande porte, e continua adotando o seu estilo de cabelo, porém com uma condição: ela os prende ao entrar na empresa. No caso desta jovem ela teve a condição de optar em abrir mão do emprego, anteriormente, porém nem todas as pessoas negras que se encontram em uma situação semelhante a esta podem assim fazê-lo. Exemplos como este, nos remete a pensar que, embora algumas pessoas digam que não existe preconceito racial, ele existe sim, contudo, em alguns caso ele é camuflado, proferido de maneira sutil, fazendo com que algumas pessoas abdicuem do estilo que deseja ser.

É perfeitamente notável o papel desempenhado pelos cabelos assim como a cor da pele na construção da identidade negra, fato que determina de maneira marcante como o negro se vê e como ele é visto perante a sociedade, porém dependendo do contexto social em que o negro esteja inserido os cabelos continuam sendo visto como marca de inferioridade.

Assim sendo, o cabelo crespo e o corpo negro são considerados as expressões simbólicas da identidade negra no Brasil, pois juntos eles fomentam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão intrínseca a comunidade negra de que o “Ser negro é lindo”, valorizando as suas construções biológicas. Perante a população negra o cabelo e o corpo fazem parte da construção e consolidação da sua cultura, assim como, os classificam e os localizam dentro de seu um grupo étnico/racial.

Contudo no seio da sociedade que normatiza e estereotipa a raça negra o cabelo do negro é visto como ruim, culminando a expressão do racismo e da desigualdade racial, por isso em alguns casos a tentativa do negro em ressignificar a sua estética através de artifícios mecânicos, como o alisamento através das chamadas chapinhas, ou ainda através de alisamentos a base de produtos químicos, é na verdade uma maneira de tentar sair do lugar da inferioridade ao qual lhe foi imposto por conta dos seus traços biológicos.

De acordo com Gomes (2002), fica perfeitamente clara a afirmação de que, em grande parte das mulheres negras que adotam os diversos tipos de alisamentos são na maioria por terem em sua infância e na adolescência sofridos alguns tipos de preconceitos, assim como as dificuldades enfrentadas por elas no manuseio dos cabelos por serem crespos.

Basta lembrarmos a maneira e a forma violenta e cruel que eram impostas aos escravos através da raspagem dos cabelos, ato que os definia como inferiores, perante a classe branca, deixando-o com o sentimento de mutilação, pois para estes o cabelo era considerado como a sua identidade e dignidade.

Segundo Nilma Lino Gomes podemos ver que:

“O cabelo tem sido um dos principais símbolos utilizado nesse processo, pois desde a escravidão tem sido usado como um dos elementos definidores do lugar do sujeito dentro do sistema de classificação racial brasileiro”

Assim sendo, ao mesmo tempo em que a democracia racial encobre os conflitos raciais, o estilo de cabelo, o tipo de penteado, de manipulação e o sentido a eles atribuídos pelo sujeito que os adotam, podem ser usadas para camuflar o pertencimento étnico/racial, na tentativa de encobrir dilemas, frustrações dentre outros traumas sofridos no decorrer do processo de construção da identidade negra, assim como amenizar e tentar se sobrepor aos preconceito

que estes estão expostos.

Por isso, o corpo e o cabelo, no plano da cultura da raça negra puderam ser transformados em uma simbologia que retrata suas origens étnicas, sua cultura, e sua diversidade. Neste artigo, ouviremos algumas vozes negras que vão relatar suas experiências com os cabelos, nos diferentes tipos de cabelos que compõe a diversificada cultura da raça negra, qualificando e consolidando a riqueza representada por essa diversidade étnico-cultural brasileira, assim como valorizar as características biológicas dos indivíduos que compõem esta raça.

A metodologia utilizada foi a coleta de depoimentos de pessoas que adotaram alguns dos estilos de cabelo, oriundo da raça negra, que representam aqui neste artigo a categoria de vários afro descendentes que compõe a imensa diversidade cultural brasileira. Temos o depoimento de pessoas diversas: como, o simples comerciante do município de Sapeaçu, Sr. Joaquim Pereira, a excelentíssima professora doutora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia do Centro de Formação de Professores, Dyane Brito, assim como o depoimento da estudante Ana Maria Fonseca, residente na zona rural do município de Sapeaçu-BA.

A partir de agora, será relatado algumas ocorrências vividas por nossos depoentes em função de serem negros e adeptos de estilos de cabelos da cultura afros descendente.

Para o Sr. Joaquim 54 anos, adepto do estilo rastafári á trinta anos, este estilo foi adotado por ele, por representar a cultura do cantor de reggae Bob Marley. Fã do cantor, Sr. Joaquim relata que por diversas vezes foi discriminado por conta do seu cabelo, principalmente em festas populares, onde sempre era inspecionado por policiais, sendo muitas vezes salvo por conta de sua esposa, que é de pele branca.

“Algumas vezes quando minha esposa percebia a presença de policiais vindo em minha direção, ela aproximava-se de mim, em alguns lugares por ver a presença de uma mulher branca ao meu lado, eles não me revistavam”.

Através do depoimento do Sr. Joaquim vimos que infelizmente, a figura do homem negro em alguns espaços, e vista de maneira discriminatória e preconceituosa onde há o prejulgamento de sua conduta, por conta do estilo de cabelo adotado.

O depoimento a seguir nos mostra como as atitudes dos colegas no ambiente escolar pode trazer seqüelas na vida de uma pessoa negra. Ana Maria Fonseca é uma jovem negra, residente na zona rural de Sapeaçu, que cursa o terceiro ano do curso de formação geral no ensino médio. Possuidora de lindas tranças, Ana nos revela que nem sempre sua imagem foi para ela sinônimo de alegria, pois há alguns anos atrás quando cursava o ginásio ela foi vítima de diversos ataques e insultos por cota de suas tranças. Por ser de família humilde, pais lavradores, Ana nos conta que era difícil para sua mãe retirar do dinheiro das despesas para

pagar a alguém para alisar seus cabelos que eram grandes e volumosos. Com isso os nomes que lhe eram atribuídos eram sempre pejorativos pelos colegas. Com isso Ana resolveu desistir dos estudos por dois anos consecutivos. Só a partir do momento em que ela conseguiu um emprego como babá, foi que Ana alisou para reduzir o volume, porém ela não abre mão de suas tranças embutidas, ou trança cebola como é conhecida pelas jovens da zona rural.

Através deste depoimento podemos ver que as palavras de Nilma Lino Gomes retratam a vida e a trajetória de muitas mulheres negras e que possuem cabelos crespos:

“Em alguns momentos, o cuidado dessas mães não conseguem evitar que, mesmo apresentando-se bem penteadas e arrumadas as crianças negras deixe de ser alvo de piadas e apelidos pejorativos no ambiente escolar. Alguns se refere ao cabelo como: “ninho de guacho”, “cabelo de bombril”, “nega do cabelo duro” “cabelo de picumã”. Apelidos que expressam que o tipo de cabelo do Nero é visto como símbolo de inferioridade”

Contudo apesar de muitas mulheres negras sofrerem discriminação nos ambientes em que circulam, muitas são decididas e são exemplo de luta e determinação para muitas outras. Veremos agora o depoimento da professora Dyane Brito.

“Sou uma mulher negra, nascida em uma família de casamentos inter raciais e por conta disto as mulheres da minha convivência tinham os mais diversos tipos de cabelos. Aliás, cresci ouvindo entre nós, as meninas, as classificações de quem tinha cabelo “bom” e quem tinha cabelo “ruim”. Durante algum tempo me imaginei com “cabelo bom” e me questionava porque não tinha sido uma das “eleitas” a ter o tal cabelo. Em minha casa, mais particularmente, havia um ritual diário de desembaraçar e trançar os cabelos. Na adolescência ficava mais atenta ao processo realizado por minhas tias e avó paterna que todo sábado se reunia na cozinha da casa para “passar ferro” nos cabelos. Elas não faziam nenhuma elaboração sobre aquilo, nem eu àquela época, tratava-se apenas de um ritual de beleza e porque não dizer, integração feminina. Na noite de sábado lá estavam elas com os cabelos alisados e “com balanço”. Em muitos momentos fiquei tentada a também utilizar a técnica, mas elas diziam que eu ainda era muito jovem. Foi somente na Universidade que comecei a ouvir a expressão “cabelo negro”, foi também nesse espaço que ouvia discussões sobre o cabelo e a construção de uma identidade negra. As tranças, o cabelo black power ou estilo rásta, em muitos momentos criticados, agora faziam muito sentido pra mim e eram também visto com outros olhos. Foi também na Universidade que li um texto de Bel Hooks intitulado “alisando nosso cabelo”. E agora eu passava a entender o significado de “lutar diariamente por permanecer em contato com nos mesmos e com os nossos corpos, uns com os outros”. É a partir daí que passo a ter este contato comigo, a ver e gostar do meu cabelo. É essa

experiência que tenho passado para minha filha e para as minhas alunas. Meu cabelo, minha cabeleira, é bonita e merece ser admirada e respeitada. Se me olham com preconceito, não sei, não me importo, carrego comigo a máxima do artista Chico César: Respeitem meu cabelos brancos!.

Sendo assim, a identidade do individuo é um assunto intrínseco a sua história, a qual está fomentada de acordo com suas escolhas sociais, culturais, políticas e intelectuais. Neste sentido, a identidade é, para os indivíduos, o resultado da construção de suas experiências vividas no contexto ao qual está inserido, através do qual, ele se reconhece e também é reconhecido, pois esta não é algo dado, e sim construída e elaborada individualmente e socialmente.

Desta maneira a construção da identidade negra torna-se um processo que, está longe de terminar, e prossegue ainda em nossos dias. Diante disso, podemos observar que a figura do negro assim como a sua aparência em determinadas situações é vista de maneira discriminatória pela sociedade, independente de sua situação financeira, fato que em alguns casos só é levado em conta após a discriminação já ter sido praticada.

Diante destas declarações podemos ver que embora a sociedade queira mascarar que não há preconceito, e discriminação racial, eles existem sim, e de maneira clara e evidente.

Entretanto, apesar das discriminações e dos preconceitos sofridos pela classe negra pela escolha de sua estética, há produtores e fornecedores assim como, os profissionais da beleza, que comercializam explicitamente produtos destinados ao consumo da população negra, abrangendo uma variedade de produtos especializados e de uso pessoal para os mais diversos fins, onde os destinados a manutenção do cabelo englobam uma grande pluralidade.

Diante da variedade dos produtos de beleza, pessoas que antes se consideravam morena ou mulata passaram a se considerar negra e a consumir os referidos produtos, disseminando desta forma, o aumento da beleza, levando a um aumento de auto-estima, gerado pela satisfação com a aparência pessoal fomentando assim a construção de sua identidade.

“O racismo só é possível quando se pauta numa relação entre formas corporais (a aparência) e qualidades (ou defeitos) de ordem moral e intelectual. No Brasil como em outros lugares, ele é construído sobre representações negativas associadas a determinadas aparências.” (Ibid., p.251).

Como se pode observar, o cabelo é um indicativo de aceitação e resistência utilizado pela população afro descendente, pois quando o individuo negro assume e adota o estilo negro, ele assume sua condição de negro perante a sociedade.

Contudo, como esse corpo negro se vê é visto, nos diversos espaços sociais, dentre eles a escola, nos remete a considerar que o âmbito escolar não proporcionar ou fomenta atitudes ou reflexões sobre a diversidade que abrangem este ambiente.

Podemos diagnosticar que várias pessoas sofreram discriminação na escola por conta da sua aparência e sua opção referente ao estilo de cabelo, deixando de certa forma cicatrizes em seu interior, em razão das citações negativas e estereotipada que são proferidas pelas classes dominantes. Conforme vemos na citação de Nilma Lino Gomes:

“E é justamente o olhar do corpo negro na escola que os leva a considerar como professores/as e alunos/as negros e brancos lidam com os dois elementos construídos culturalmente na sociedade brasileira como definidores dos pertencimentos étnico/racial dos sujeitos: a cor da pele e o cabelo”.

Neste momento inicia-se a luta dos indivíduos inseridos neste contexto em resistir e tentar perpetuar a sua identidade étnica. Pois a força simbólica dos cabelos constitui uma maneira ressignificada de preservar a cultura da raça afro descendente.

Atualmente visualizamos em nosso cotidiano modelos da cultura afro descendentes em pessoas que se consideram branco. Um exemplo disso são as tranças, que antigamente eram odiadas pelas meninas negras, hoje são adotadas por celebridades e estão ditando moda. Isto demonstra a aceitação por parte da classe dominante assim, como valorização da cultura africana por parte dela, o que consiste dizer que a resistência é uma forma de perpetuar a cultura dos nossos ancestrais.

“O significado social do cabelo era uma riqueza para o africano. Desta forma, os aspectos estéticos assumiram um lugar de importância na vida cultural das diferentes etnias” (GOMES, N. L. 2002)

A partir desta citação podemos considerar que a formas de cabelo adotadas por cada indivíduo pode indicar o seu estilo de vida, assim como o seu modo de pensar, viver e se sentir no mundo. Sendo assim ela demonstra como uma comunidade se vê e se afirma perante a sociedade.

No Brasil, mais precisamente em Salvador concentra-se o maior número de afro descendente, destacando o bairro da Liberdade como sinônimo da cultura e da resistência negra, pois a grande maioria dos seus moradores são adeptos dos estilos de cabelos que retratam e ressignificam a cultura africana, assim como, o estilo musical, sua dança e a valorização da figura do negro em si.

Com a inserção da lei 10639/03 que exige a obrigatoriedade na educação das relações étnico-raciais e para o ensino da história afro brasileira e africana (BRASIL, 2004), possibilitaram a inflexão na educação brasileira.

Entretanto está sendo pouco utilizado pelas instituições, o que vem a concluir que, embora a lei tenha sido sancionada, ela exista na teoria, porém na prática não ocorre. São políticas afirmativas voltadas para a valorização da identidade, da memória e da cultura negra reivindicadas pelo movimento negro e demais movimentos sociais partícipes da luta anti racista.

Podemos concluir como isso que, para que haja a aplicação da lei 10639/03 é necessário que a inserção das questões racial seja elaborada como meta no Plano Nacional da Educação nos planos estaduais, municipais, nas gestões das escolas e nas práticas pedagógicas de formas mais contundentes.

Referências Bibliográficas

GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51, 2002.